

## **O JARDIM DOS FINZI-CONTINI: O OCASO DE UMA COMUNIDADE**

Nancy Rozenchan\*

**Resumo:** O ocaso da comunidade judaica de Ferrara na visão de Giorgio Bassani em *O jardim dos Finzi-Contini*.

**Palavras-chave:** judaísmo de Ferrara, holocausto, literatura italiana do século XX, romance

A Mariarosaria Fabris, pelo convite para participar deste evento, que nos fez ampliar leituras e reflexões sobre tema que vimos abordando – de literatura de autor e/ou temática judaica, particularmente aquela vinculada ao genocídio dos judeus durante a Segunda Guerra –, o agradecimento pelo estímulo ao desenvolvimento de nossas atividades. Credite-se igualmente um voto de louvor à Secretaria Municipal de Cultura por este evento que enriquece a nossa cidade.

Giorgio Bassani é o escritor do judaísmo de Ferrara e é por alguns dados sobre a comunidade desta cidade do centro-norte italiano que iniciamos a nossa apresentação.

Uma inscrição datando do período romano e um documento de 1088 comprovam a existência da comunidade judaica em Ferrara desde épocas antigas. Privilégios gozados pelos judeus foram registrados em 1275. No mesmo século, dois estudiosos talmúdicos de nome idêntico, Rabi Moisés ben Meir, viveram em Ferrara e talvez também ali tenha vivido o filósofo Hilel ben Samuel de Verona. No início do século XIV, alguns judeus locais foram pesadamente taxados pela Inquisição. Dois sonetos de Francesco di Vannozzo, de 1376, refletem o ressen-

---

\* Professora de Língua e Literatura Hebraica junto ao Departamento de Línguas Orientais da FFLCH-USP.

mento popular contra certos judeus. Por volta de 1435, Elija de Ferrara estabeleceu-se em Jerusalém. Desde meados do século XV, começou um período de prosperidade para esta comunidade, graças à proteção da Casa de Este. Em 1448, a pedido de Lionello d'Este, o Papa Nicolau V refreou os sermões dos monges; em 1451, o Duque Borso declarou que protegeria os judeus que viessem para as suas terras; em 1473, Ercole I, em oposição às exigências papais, protegeu seus súditos judeus, particularmente os emprestadores de dinheiro. Em 1481, ele autorizou Samuel Melli de Roma a adquirir uma mansão em Ferrara e a transformá-la em uma sinagoga, que ainda é usada. Nessa época, o geógrafo Abraham Farissol vivia em Ferrara, assim como Abraham Sarfati, professor de hebraico na Universidade de Ferrara e, em 1477, o impressor Abraham ben Hayim dei Tintori de Pesaro viveu ali.

A política de dar refúgio a judeus perseguidos, especialmente aqueles que podiam comprovar sua utilidade, foi continuada por todos os duques Este que se seguiram. Em 1492, quando os primeiros refugiados da Espanha surgiram na Itália, Ercole I permitiu que alguns deles se estabelecessem em Ferrara, prometendo-lhes que eles poderiam ter seus próprios líderes e juizes, permitindo-lhes praticar o comércio e a medicina e oferecendo-lhes redução de impostos. Esse foi o início da comunidade judaica espanhola de Ferrara, que estabeleceu a sua própria sinagoga e administração separada. Em 1532, Ercole II publicou outra autorização permitindo aos judeus da Boêmia e de outros países da Europa Central que viessem se estabelecer na cidade. Essa foi a origem do grupo alemão em Ferrara que também estabeleceu a sua própria sinagoga. Em 1524 e em 1538, o mesmo duque encorajou os marranos e, em 1553, eles tiveram autorização específica de retornar à fé judaica. Em 1540, foi enviado um convite aos judeus molestados de Milão para que se mudassem para Ferrara e o mesmo foi feito um ano mais tarde àqueles banidos do reino de Nápoles. Em 1569, quando os judeus foram expulsos dos Estados papais (exceto Roma e Ancona), muitos de Bolonha se fixaram na cidade. Em meados do século XVI, havia dez sinagogas na cidade. Entretanto, apesar de os duques pouparem os seus judeus da opressão da Igreja, permitiram que o Talmude fosse queimado em 1553. Em 1554, foi realizado um Congresso de Delegados de Comunidades Judaicas, a fim de decidir sobre medidas de precaução, incluindo a censura prévia de livros.

Entre as personalidades judaicas mais destacadas de Ferrara naquela época encontramos Don Samuel Abrabanel, o último dirigente do judaísmo napolitano, Dona Gracia Nassi, que mais tarde teria importante papel no judaísmo da Turquia, Amatus Lusitanos, que ensinou medicina na Universidade de Ferrara, a família Usque e o engenheiro Abraham Colomi. No campo específico dos estudos judaicos destacaram-se os poetas Jacob Fano e Abraham dei Galicchi Jagel, os médicos Moisés e Azriel Alatino, sendo os mais famosos dentre os estudiosos o

cronista Samuel Usque, que escreveu em português *As consolações às tribulações de Israel*, o impressor Abraham Usque, que imprimiu a Bíblia de Ferrara, uma tradução literal espanhola a partir do hebraico, e Azaria dei Rossi, médico e estudioso, que publicou uma série de ensaios históricos.

Nessa época, a imprensa judaica floresceu por dois breves períodos na cidade, produzindo algumas dezenas de obras importantes.

Quando Ferrara passou ao domínio da Igreja, em 1598, a condição dos judeus se deteriorou. No mesmo ano foi introduzido o distintivo judaico. No ano seguinte todas as propriedades tiveram que ser vendidas, as sinagogas foram reduzidas a três, uma para cada rito (italiano, espanhol e alemão) e os bancos de empréstimo foram fechados; entretanto, este último decreto foi revogado algum tempo depois e os bancos foram fechados somente em 1683. Em 1624, foi decretada a construção de um gueto, onde os judeus foram confinados dois anos mais tarde. Os judeus foram forçados a assistir a sermões conversionistas e médicos judeus foram proibidos de atender cristãos. Essa situação persistiu durante os séculos XVII e XVIII, de tempos em tempos se tornava mais exacerbada pelos ataques da massa ao gueto (1648, 1651, 1705, 1747, 1754) e por uma acusação de libelo de sangue em 1721. Apesar disso, a vida dos judeus em Ferrara era muito mais suportável do que em Roma.

Em 1601, a população judaica era de 1.500 pessoas, manteve-se no mesmo nível em 1703, com 328 famílias, e cresceu para 2.000 no século XIX. As figuras de destaque foram o rabino e médico Isaac Lampronti, autor de uma enciclopédia talmúdica, e os rabinos Jacob Daniel Olmo, também poeta, e Salomão Finzi, autor de uma obra introdutória ao Talmude. Em 1796, após a ocupação francesa, os judeus obtiveram igualdade de direitos civis e, em 1797, os portões do gueto foram removidos. A alternância sucessiva dos governos austríaco, francês e, finalmente, em 1814, papal, refletiu-se nas vicissitudes da vida judaica. Em 1826, os judeus foram novamente encerrados no gueto, mas em 1859-60 finalmente obtiveram liberdade quando Ferrara se tornou parte do reino italiano. Durante os oitenta anos seguintes houve um novo período de prosperidade, com judeus sendo indicados para altos postos na administração municipal e desempenhando papéis nas questões da comunidade judaica. A comunidade foi se reduzindo devido à imigração de diversos de seus membros.

Em 1931, a comunidade tinha 822 membros. Em 24 de setembro de 1941, uma sinagoga foi devastada pelos fascistas. Durante o outono-inverno de 1943, 183 judeus da cidade foram enviados aos campos de extermínio, dos quais somente cinco retornaram. Mais três foram mortos nas ruas em 14-15 de novembro de 1943. No final da guerra, a população judaica de Ferrara estava reduzida a 200 pessoas e, em 1970, esse número baixou para apenas 150.

Os judeus assimilados e prósperos do norte da Itália foram ardentes monarquistas. Do século XIX para o XX, tornaram-se banqueiros, médicos, advogados,

juizes, membros de gabinete, chefes de polícia e oficiais do exército, em números e proporções que excederam aos de outros países, excluindo talvez apenas a monarquia austro-húngara. Durante a Primeira Guerra Mundial, cinquenta generais judeus serviram no exército italiano, o que significou que um entre cada mil judeus italianos, era general. Após a Primeira Guerra Mundial, judeus italianos que não eram socialistas, e poucos o foram, entusiasticamente abraçaram o fascismo, que se apresentou para eles como uma defesa necessária contra o bolchevismo e a anarquia. Em Roma, em 1922, duzentos e trinta judeus fascistas marcharam com Mussolini; havia judeus no seu gabinete e no Grande Conselho Fascista. Por volta de 1938, por ocasião das primeiras medidas antijudaicas adotadas na Itália, mais de dez mil judeus, ou cerca de um em cada três adultos, eram membros do Partido Fascista. Mesmo judeus que não eram membros do partido tomavam parte nas paradas festivas usando uniformes fascistas diversos, a exemplo da população em geral. Naturalmente, muitos judeus não compartilhavam deste entusiasmo pelo Duce. O movimento antifascista “Justiça e Liberdade”, fundado por Carlo e Nello Rosselli, de uma proeminente família judaica toscana, incluía muitos judeus. Após a ocupação da Itália pelos alemães, em setembro de 1943, muitos judeus juntaram-se aos partisans nas montanhas para combater os alemães e a República de Saló.

Não nos parece que houve em toda a literatura italiana contemporânea um escritor judeu cuja obra estivesse vinculada, em sua maior parte, a uma só cidade, como foi o caso de Giorgio Bassani, o escritor de Ferrara. De sua vasta obra destaca-se *O jardim dos Finzi-Contini*, publicado em 1962 pela Arnoldo Mondadori de Milão; em português a tradução é de Sandra Lazzarini, para a Record e a Rio Gráfica. Bassani nasceu em 1916, em Bolonha, cresceu em Ferrara, foi ativo na Resistência e, a partir de 1943, depois de ter sido preso, passou a viver em Roma. Sua obra inclui principalmente poesias, mas escreveu também contos, narrativas e ensaios. Trabalhou em editoras e na televisão italiana.

Bassani é entendido como a figura do narrador em *O jardim dos Finzi-Contini*. Não se pode, porém, afirmar que o livro seja autobiográfico. Vamos à trama.

O ambiente evocado pelo protagonista-narrador é o ferrarense, particularmente o das famílias judaicas locais, com sua situação deteriorada devido às leis raciais. A família dos Finzi-Contini, que já vivia apartada das demais por vocação própria, conduz uma vida misteriosa em uma *villa*, uma mansão, grande e estranha, rodeada de um enorme parque. Os jovens da família, Alberto e sua irmã Micòl, crescem sem contatos externos, até o dia em que, já estudantes universitários, decidem convidar alguns jovens tenistas de Ferrara, judeus excluídos do clube da cidade. A abertura pareceria indicar, como se expressou Micòl, que todos agora estavam no mesmo barco. É nessa ocasião que o narrador-protagonista

tem a oportunidade de entrar na mansão, fazer parte do círculo dos Finzi-Contini e abrir em sua própria vida um parêntese que, ainda que breve, será carregado de significados e de afetos. As relações dos jovens se desenvolvem bem depressa numa amizade a quatro, compreendendo em seu âmbito um companheiro de Alberto, Giampiero Malnate, de Milão, que no momento trabalhava numa indústria química de Ferrara. Essa amizade se intensificará entremeada pelas discussões políticas, partidas de tênis, longos passeios pela propriedade e os diálogos entre Micòl e o protagonista, que se apaixona pela encantadora hospedeira; a bela jovem, porém, não aceitará esse sentimento e o refutará categoricamente, convidando o rapaz a rarear as suas visitas. Micòl rejeita a possibilidade do amor. E o pai do narrador apaixonado confirma essa situação, dizendo ao filho que os Finzi-Contini não eram adequados para eles; segundo o ditado, “mulheres e rebanhos, melhores os da terra natal” E ela, Micòl, apesar das aparências, não era absolutamente vinculada à terra natal. Recordações caras ligam o protagonista àquele período e àquelas pessoas que tiveram um final trágico: Alberto morreu de uma grave doença em 1942; em 1943, a irmã, os pais e a avó parálitica foram presos pelos *repubblichini*\*, em seguida enviados à Alemanha, onde morreram em campo de concentração; Giampiero Malnate, que acreditava no futuro honesto lombardo e comunista, foi para a frente russa, em 1941, e nunca mais voltou. Restou somente a personagem principal, testemunha e narradora do passado.

É claro que o livro não é isso, ou só isso que tratamos de resumir, e nem é o que se poderia esperar de Bassani, autor que, já na primeira obra, *Una città di pianura* (Uma cidade de planície), do início dos anos 40, devido às perseguições raciais, tivera que assiná-lo com um pseudônimo, Giacomo Marchi.

Numa entrevista em 1958, ele teorizou os dois planos de sua poética como expressão de uma ideologia própria; para ele, “cada obra de arte deve querer dizer ao menos ‘duas’ coisas: uma aparente e uma reposição”.

Vejamos alguns aspectos do livro para entender essa colocação de Bassani. O prólogo nos dá conta de que o autor pretendia há muito escrever sobre os Finzi-Contini e sobre os que, como ele, freqüentaram a propriedade pouco antes de estourar a Segunda Guerra, mas o impulso para fazê-lo surgiu somente em 1957, quando visitou o cemitério etrusco de Cerveteri. A seguir é descrito um passeio de carro até o local, onde ele e seus companheiros, o que inclui uma menina de nove anos, vão ver as tumbas de milhares de anos. Graças às observações da garota, desenvolvem-se algumas reflexões sobre a distância e proximidade dos mortos, o significado das tumbas, a sua semelhança com os *bunkers* que os soldados alemães espalharam pela Europa, a comparação entre as civilizações, o sentido (se é que haveria) do futuro, a certeza do passado, de que nada poderia ser

---

\* Partidários da República Social Italiana ou República de Saló. (N. do A.)

mudado naquele ou em qualquer outro cemitério. Essa visão lhe traz à lembrança o cemitério judaico de Ferrara, com seus prados cheios de árvores, as lápides e, principalmente, a tumba monumental dos Finzi-Contini, uma tumba feia, como ele sempre a ouvira descrita em sua casa, mas imponente e significativa, não só devido à importância da família. A tumba, prevista para guardar os restos de uma grande descendência, como a dos etruscos, somente servira para abrigar Alberto, o Finzi-Contini que morreu doente; não restara ninguém para ser enterrado ali, para preservar o local ou para lembrar a grandeza da família.

A obra é conduzida pelo mito do passado, exposto à veneração de Micòl, por exemplo, como a atitude típica de uma geração que, ciente de não ter um futuro, foi obrigada a refugiar-se na memória como único patrimônio verdadeiramente seu. O mito do passado não é extrínseco ao tema da narrativa nem constitui uma evasão simples dos problemas do viver, mas nasce da impossibilidade das personagens de moverem-se em uma dimensão real e escaparem do papel de vítima que lhes foi atribuído.

A par disso, contamos aqui com o um dos temas principais que dominaram a obra de Bassani: o indivíduo só, incompreendido, isolado em uma realidade não passível de modificações, em um mundo hostil e inexoravelmente igual. Esse tema cobre-se sempre de tons elegíacos e, como sói ocorrer em seus escritos, a solidão e a crise das suas personagens assentam-se num sólido terreno histórico onde brotam elementos que concorrem para transmitir o retrato moral de uma determinada sociedade. Esse indivíduo só, que se sente hostilizado pela sociedade, é o protagonista-narrador do livro, sua personagem principal, que tem como seu oposto, e ao mesmo tempo por eles se sente atraído, os Finzi-Contini, no seu jardim, que, à primeira vista, dá a impressão de paradisíaco.

*O jardim dos Finzi-Contini* nasceu no seio da comunidade judaica de Ferrara, nos anos escuros do fascismo, em um clima moral e sentimental carregado. A família que dá o título à obra vive imponente e isolada. Faz-se remontar a sua ascensão aos anos de 1860, quando os judeus obtiveram direitos civis e saíram do gueto; o símbolo principal dessa ascensão foi a encomenda da construção da mencionada tumba. Enquanto sobre os primeiros membros proeminentes da família se conta da oportunidade nos negócios, do desenvolvimento em que estiveram envolvidos, dos méritos como italianos e judeus, da família que irá perecer na guerra, o autor nos aponta aspectos diversos: decadência, isolamento e uma certa tendência à alienação. Inicialmente é mencionada a morte do menino Guido, o primogênito do casal, Professor Ermano e Dona Olga, em 1914. O menino, aos seis anos, morre de paralisia infantil, frente aos pais e ao médico impotentes. Não parece ocasional esse dado, informado no segundo capítulo, pelas palavras do pai do narrador, judeu ferrarense-italiano, que não consegue entender o grau de superioridade em que os Finzi-Contini se haviam instalado, sensação essa transmitida

ao filho e por este absorvida, e que será motivo da curiosidade que o aproximará daquela família. Lembrando a composição do judaísmo ferrarense, há pouco mencionada, havia ali judeus italianos da própria cidade e de outras, judeus de origem espanhola ou portuguesa, de origem alemã e da Europa Central. A família Finzi-Contini conta com todas essas origens, em que cada ancestral é distinguido por um tom de nobreza particular, ligações, riquezas, cultura, vinculação a casas famosas, algo para o que cabe a palavra hebraica *ihus*. Para o pai do narrador, porém, ao invés de exibirem ares de superioridade, os distantes Finzi-Contini teriam feito muito melhor em não esquecerem quem eram: seriam sempre judeus, parentes de judeus.

Se nos propomos a entender metaforicamente alguns dos dados do livro, a morte do pequeno Guido, aluno do primeiro ano primário da escola hebraica, em 1914, poderia estar representando o início do fim de uma era, de um período de liberdade e abastança do judaísmo italiano. Os filhos posteriores, Alberto e Micòl, seja por fobia de micróbios, seja por um não-acompanhamento do curso pelo qual se desenrolava o judaísmo italiano, iriam estudar em casa. Ermano, o pai, que em 1939 tinha 70 anos, é sempre citado como professor, pessoa voltada às pesquisas de arquivo. De início tivera a idéia de escrever a história dos judeus de Veneza, mas o que tinha conseguido era escrever dois opúsculos, um com todas as inscrições do cemitério israelita do Lido, em Veneza, e outro sobre manuscritos que tratavam das diversas, assim chamadas, nações, nas quais a comunidade veneziana fora dividida entre os séculos XVI e XVII. Para o narrador, o professor Ermano parece sempre voltado às figuras judaicas ilustres do passado, ainda que e o surpreenda ao mencionar uma série de cartas do poeta e crítico laureado Giosuè Carducci, em poder de sua família. Assim, o professor Ermano, emprega o seu tempo ao pertencer judaico italiano cristalizado no passado, formado pela cultura judaica da Itália e pela cultura italiana, que lhe dão todo o sentido de ser parte do país, em particular da era de maior abertura. O narrador, que traz à baila e comenta os eventos da Itália fascista, se encontra, naquele seu período de juventude, pendente entre as várias posições assumidas e vivenciadas por aqueles que o rodeiam e as próprias. O que podiam representar, ou o que representavam, judeus, aparentemente tão italianos quanto os da sua família, isolados, numa época de tanto envolvimento, mudanças e emoções, cujo alcance nenhum deles podia atingir? O que significava o fato de 90% dos 750 judeus da cidade terem se afiliado ao Partido Fascista e Ermano Finzi-Contini ter se recusado a fazê-lo? Por que o fato era contado junto com o pedido do chefe daquela família à comunidade, para restaurar por conta própria a sinagoga espanhola da cidade para uso exclusivo dos seus?

As personagens e o tema do livro, que tem a cidade de Ferrara como pano de fundo, soam familiares aos leitores de Bassani, mas aqui o escritor sobrepôs, a um mundo que lhe é caro, um esforço de penetração nesse universo, que é

particularmente seu, através de uma posição específica de alguns dos escritores que se sobressairam na década de 50. Bassani, junto com outro escritor, Carlo Cassola, foi o antecipador e o autor mais emblemático da crise ideal, moral e estilística que acometeu uma zona bastante ampla da literatura italiana por volta dos anos 56-57. Foram anos de inquietude, de insatisfação, de repensar, de uma atividade executada por escritores que tinham vivido a Resistência como um momento decisivo, como uma experiência fundamental do seu desenvolvimento cultural e literário. Naqueles anos havia amadurecido um estado de ânimo complexo e contraditório, que tinha a sua origem numa profunda crise de valores: a Resistência, como revolução tomada lenta e falha; o pós-guerra, como período de involução política e social; a desconfiança na possibilidade de tornar operantes na sociedade italiana aqueles ideais antifascistas pelos quais se havia lutado durante ou após a Libertação; a incapacidade de inserir-se conscientemente na realidade contemporânea e, portanto, a desorientação frente à batalha política e de ideais novos, mas, paralelamente, a tentativa de estabelecer de qualquer maneira uma nova relação com essa realidade. Havia então amadurecido em muitos escritores a crise daquela visão unitária da sociedade italiana e de seus problemas, que havia fermentado no fundo da produção literária, artística e cinematográfica do neo-realismo, que havia feito do movimento neo-realista um movimento de vanguarda impetuoso e autêntico, além dos limites e dos equívocos que não soube resolver.

Desde o início do livro, convivem num equilíbrio difícil, sempre a ponto de desfazer-se, dois momentos que nascem de um mesmo moralismo, apaixonado, mas exasperantemente individualista: a tendência de enfrentar toda uma série de problemas morais e a tentativa de atingir uma “visão histórica” escavando uma situação familiar, ao mesmo tempo em que se dá a fuga contínua à elegia de um mundo misterioso e protegido, apartado das transformações ruidosas e cruéis da realidade. Esse mundo, o universo dos Finzi-Contini, é uma parte da sua Ferrara, onde se localiza o seu próprio universo particular. Ferrara, assim, é o seu ambiente de contradições, que o narrador trata de conhecer a fundo, num ato de busca interior que não pode se desligar dali, porque a cidade está profundamente imbricada em seu ser. Emblemática dessa busca, a tumba vazia dos Finzi-Contini tende a exprimir uma comunidade de valores ideais e morais violados, representação da condição judaica européia, disseminada em *bunkers*, comparados com amarga ironia às tumbas etruscas, que sim foram preenchidas e que dessa forma contaram a sua história. O destino dos Finzi-Contini estará ligado ao signo da morte indicado no início do romance e o seu significado simbólico, que tem um papel amplo na obra de Bassani, extrapolou para a literatura italiana da década de 60.

Bassani propôs, por meio desse livro, o centro de sua poética: um mundo fechado em uma diversidade aristocrática e impenetrável. Neste, num contínuo e

ambíguo descobrir-se e retrair-se, o autor, ao escavar o passado, produz a sua *recherche* proustiana. Sobre os rigorosos rituais da família Finzi-Contini, sobre as suas tradições familiares, sobre a sua aversão ao fascismo (anterior ainda às leis raciais), o autor desfia comentários, conjecturas e interrogações que não chegam nunca a uma interpretação precisa dos fatos, envoltos num halo de inefabilidade.

O jovem Bassani apegou-se atônito, perdido e fascinado àquele mundo que parecia preparar-se para a morte, ora com consciência lúcida e quase estóica, ora com o lânguido abandono de quem quer descobrir totalmente, entre a “futilidade aristocrática” e a nostalgia estéril pelo passado, a fuga de uma vida inútil e confusa. O “eu”-narrador acaba por oscilar contraditoriamente entre a visão crítica das atitudes diversas e o gosto totalmente literário do inefável, entre a consciência da catástrofe iminente e o abrandamento elegíaco por um passado doce pelo qual se foge da terrível realidade, entre as representações emblemáticas do drama do povo judeu, tanto mais indefeso e vulnerável quanto mais se fecha em si próprio, e o fascínio de um mundo encantado e condenado a desaparecer com os seus segredos.

Entre a paz mortal, cheia da lúcida consciência que precede a tormenta, e o jardim encantado dos preciosos sonhos juvenis, é ali que se encontra o narrador. Não esqueçamos que ele estava apaixonado por Micòl. Na sua memória, são estes, os sonhos, que tendem a prevalecer. Aquelas tardes feitas de partidas de tênis, de grandes lanches, de maravilhosos passeios com Micòl pelo imenso parque, o nascimento do amor juvenil, a crescente familiaridade com a casa e a biblioteca do Professor Ermano e com ele próprio, são tecidos numa trama sentimental tenra, quase ao limite do patético, ao qual o escritor se abandona. E também quando, como que acordando, ele colhe no fundo daquele lento torpor um momento de auto consciência, ele continua encantado, incapaz de um juízo histórico definitivo, de uma escolha isenta e precisa. Ele olha atraído para esse mundo, que espera a morte com irônica indiferença, e não sabe mais contrapor-se aos queixumes mesquinhos e enfadonhos dos judeus burgueses como o pai.

A disputa íntima entre a consciência lúcida e o idílio, entre a energia e a languidez, entre o senso de inutilidade dos velhos objetos e o apego quase mórbido a eles, encontra em Micòl uma tensão particular. Mas o “eu”-narrador se arrasta sempre à margem do núcleo mais íntimo deles, deixando em suspenso as interrogações ansiosas que estão prestes a cair sobre o seu destino.

A sombra da morte se alonga cada vez mais tenebrosa no jardim já quase vazio. Paralelamente, o jovem narrador é cada vez tentado a fugir de Micòl e do seu mundo, mas sempre é atraído e fascinado por eles. Micòl não podia aceitá-lo, porque aquele amor a separaria de um mundo em dissolução e daria uma nova dimensão à sua vida. A mesma atitude de ruptura, exclusão, solidão e resignação ou de resistência a elas o narrador demonstra também em relação a

Malnate, o engenheiro milanês que simboliza a fé no futuro. Para essa figura tão segura e insensível ao fascínio das coisas estranhas dos Finzi-Contini, dirige-se o olhar ora ressentido ora admirado do jovem estudante ferrarense, com seu moralismo inquieto, incertezas, o amor contraditório pelos sonhos vãos do passado. Malnate tende a representar um otimismo mais seguro, mais fácil, que o narrador não consegue aceitar inteiramente, apesar de se sentir atraído pelas perspectivas.

São unânimes os críticos da obra de Bassani, e entre eles devemos mencionar Pier Paolo Pasolini, ao afirmar que, nos seus escritos, em particular em *O jardim dos Finzi-Contini*, se encontra a expressão mais complexa da disputa irresoluta entre as sugestões da prosa e da arte, da literatura de bom gosto, da prosa poética consoladora, da elegia e as instâncias apresentadas por uma experiência antifascista, vistas sob um ângulo moralista e abstratamente intelectual, incapaz de exterminar o passado no foco de uma consciência histórica madura. O próprio Bassani, em 1956, referindo-se ao seu fazer poético que, naturalmente, extravasou os seus versos e atingiu toda a sua obra, disse:

“Na primavera de 42, o primeiro impulso para escrever versos me vem, mais do que da vida e da realidade, da arte, da cultura (...) o campo entre Ferrara e Bolonha, que o meu trem percorria quase cotidianamente, se apresentava a mim através das cores, embebido de uma luz como que velada, daquelas antigas pinturas dos séculos XVI e XVII ferrarenses e bolonheses... Uma das primeiras poesias que escrevi refere-se àquele trem da tarde. Pois bem, aquela que se vê através das janelas do compartimento de terceira classe é a minha terra, sim, mas vejo-a com a mente voltada às telas que os amigos, naquela ocasião, tinham me mostrado, terra distante e patética como aparece atrás das madonas provinciais rústicas, daqueles santos de braços avermelhados e suados.”

Na sua contemplação poético-nostálgica da paisagem ferrarense, a sua cidade de planície, aflorou um senso de exclusão, de ausência, de solidão, originada na literatura e que seu canto poético-nostálgico continuamente reabsorveu. Ferrara, a Ferrara judaica, se encontra perpetuada através de uma poética ferrarense da paisagem e da história.

Concluamos com as palavras de Bassani, numa entrevista de 1962, Bassani, o intelectual moderno, partícipe de uma realidade italiana e judaica, que se empenha em solucionar os traumas existenciais dos judeus ferrarenses, tendo adotado uma tomada de consciência diante das circunstâncias de sua vida e a da sua comunidade:

“Toda a minha vida, todo o meu pensamento, toda a minha arte baseiam-se na alternância entre uma luta e uma aceitação. Movo-me em dois planos:

de uma parte, sobre o plano da lógica burguesa que é indispensável. Sou um homem racional, empenhado em um mundo de relações históricas e me esforço por entendê-lo. Por outro lado, tenho a intuição do contrário, daquilo que transtorna a lógica e a história e que não é menos indispensável: a paixão, a poesia, o apocalipse (...). O sentido da minha vida está numa perpétua oscilação entre paixão e razão (...) e mesmo quando escrevo, me movo entre dois planos: o plano da prosa, indispensável a quem quer escrever um romance, e o plano poético, a intuição, o impulso”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASSANI, Giorgio. *O jardim dos Finzi-Contini*. (Trad. Sandra Lazzarini). Rio de Janeiro / São Paulo: Rio Gráfica, 1987.
- DEÁK, István. “Holocaust Heroes”. *The New York Review*. New York, 5 nov. 1992.
- FERRETTI, Gian Carlo. *Letteratura e ideologia: Bassani Cassola Pasolini*. Roma: Editori Riuniti, 1974.
- GUGLIELMINO, Salvatore. *Guida al Novecento*. Milano: Principato, 1971.
- MANACORDA, Giuliano. *Storia della letteratura italiana contemporanea (1940-1975)*. Roma: Editori Riuniti, 1981.
- MANACORDA, Giuliano. *Letteratura italiana d’oggi (1965-1985)*. Roma: Editori Riuniti, 1987.
- PULLINI, Giorgio. *La novela italiana de la posguerra (1940-1965)*. Madrid: Guadarrama, 1969.
- SALINARI, Carlo. *Preludio e fine del realismo in Italia*. Napoli: Morano, (s.d.).
- SANSONE, Mario. *Storia della letteratura italiana*. Milano: Principato, 1973.
- VITI, Gorizco. *Il romanzo italiano del Novecento da Fogazzaro ai nostri giorni*. Firenze: Casa Editrice G. d’Anna, 1983.
- ENCICLOPAEDIA JUDAICA. Jerusalém: Keter, 1970.

*Abstract: The end of the Jewish community of Ferrara in the novel Il giardino dei Finzi-Contini by Giorgio Bassani.*

*Keywords: hebraism in Ferrara, holocaust, Italian literature of XX century, novel.*